



ENTRE A RESISTÊNCIA E A REPRESSÃO: NOS RASTROS DE MANOEL DE ANDRADE

Rafael Alonso

O poeta catarinense (nascido em Rio Negrinho), mas radicado há décadas em Curitiba, Manoel de Andrade, não esperou a ordem do governo militar brasileiro para deixar o país. A ordem viria, cedo ou tarde. Mas antes que ela viesse, o poeta decidiu autoexilar-se. Um detalhe aparentemente trivial – aparentemente, já que num regime de exceção todo detalhe deixa de ser trivial – motivou a decisão, que se deu em outubro de 1968: um poema sobre Che Guevara. O poema intitulado “Saudação a Che Guevara”, que lembrava o período de um ano da morte de Che, foi reproduzido em quatro mil cópias e se espalhou pelo país. O livreiro e amigo José Guignone, que o leu, julgou-o de caráter explosivo. Assim, era questão de tempo que Manoel caísse na malha fina da ditadura nacional. A situação vivida pelo poeta no momento da partida poderia tê-lo feito agir de modo diferente: o início de carreira era promissor e Manoel negociava sua estreia na cena literária numa antologia da editora Civilização Brasileira. Mas o destino do poeta parecia ser o de seguir os rastros de outros poetas latino-americanos. Manoel fugiu pelo Paraguai, chegou à Argentina e deu início à sua peregrinação pelo continente, que duraria até 1971 e atravessaria quinze países: Estados Unidos, México, Guatemala, El Salvador, Honduras, Panamá, Costa Rica, Equador, Colômbia, Chile, Uruguai, Argentina, Paraguai, Peru e Bolívia.

Esse período de intensa caminhada pela América (latina e americana) é o que o leitor pode encontrar nas mais de 900 páginas do último livro publicado por Manoel de Andrade, “Rastros da utopia, uma memória crítica da América Latina nos anos 70”, editado pela Escrituras, em 2014. Foi durante a viagem, por sinal, que Manoel escreveu seu primeiro livro, “Poemas para la libertad”. O livro foi



publicado em La Paz, na Bolívia, em 1970, e em 2009 ganhou reedição bilíngue, também pela Escrituras. Outro livro que merece destaque é “Cantares”, de 2007, uma coletânea de poemas.

De volta aos rastros da utopia, ou aos rastros do poeta, merece destaque o fato de Manoel ter peregrinado por uma América Latina quase inteiramente assolada por regimes ditatoriais. Como lembra o poeta no prólogo do livro, o continente era regido por forças reacionárias e marcado por desigualdades brutais. Havia um verdadeiro abismo entre ricos e pobres, no qual se afundava, especial mas não somente, a população rural e indígena. A independência não havia modificado os privilégios colonialistas e os rumos da América Latina passavam principalmente pela boa (ou má) vontade das decisões tomadas em Washington. Em contrapartida, as esquerdas de todo continente mobilizavam-se em direção oposta, na tentativa de diminuir o processo de exclusão, exploração, dependência e perseguição. Preocupadas com a teoria e a prática revolucionárias, lutavam constante e diariamente pela liberdade.

É sob esse segundo ponto de vista, o de uma minoria marginalizada que nunca deixou de levantar a bandeira dos valores democráticos, e que mesmo diante de uma máquina estatal totalitária que parecia não deixar brechas nunca cessou de emitir luzes de utopia, que se pode dizer que as memórias narradas por Manoel de Andrade não carregam tom pessimista. Muito pelo contrário. Como observador privilegiado dessa história, a preocupação de Manoel, com o recente livro publicado, é a de dar ouvido aos gritos de liberdade, aos ideais revolucionários supostamente esquecidos, aos atores de uma luta pouco mencionados ou ignorados pela história oficial. Trata-se de um período de ilusões e desilusões, e muitas das feridas abertas em décadas anteriores estão longe de cicatrizar.

O próprio poeta faz questão de dizer que não escreveu um livro sobre política e não se preocupou em discutir a fundo os temas que polarizaram o ideário daqueles anos. A política no livro de Manoel se dá, natural e espontaneamente,



através dos relatos do próprio poeta e dos rastros deixados por outros tantos. Como ele mesmo gosta de definir, “Rastros de utopia” é resultado das andanças de um poeta itinerante, de um “bardo errante”, identificado com seu tempo e com a condição latino-americana. Uma das acepções de “bardo”, no dicionário, é poeta que exalta o valor dos heróis. Mas, no caso de Manoel, não se trata de ressaltar os heróis conhecidos da história, mas a narrativa dos derrotados, ou melhor, dos que sonharam com a liberdade e ousaram se contrapor ao regime totalitário.

Sendo assim, os “rastros” perseguidos por Manoel não se limitam à década de 60 e 70, mas regridem por vários séculos. Trata-se de um trabalho de registro histórico que tenta lançar luzes sobre mais de quinhentos anos de conflitos sociais que marcaram o continente. É o caso do texto, incluído em “Rastros da utopia”, que Manoel agora publica em “Imagens da América Latina”. O texto, intitulado “Juana Inés de la Cruz: glória, esquecimento e redenção”, resume a vida da freira Juana Inés (1651-1695), de quem Manoel ouviu falar em 1971 em conversas com poetas e intelectuais na Cidade do México.

Nascida no século XVII, duas opções – em tese – apresentavam-se para Juana: o casamento e o convento. Com impressionante propensão à literatura e ao conhecimento de forma geral, ela escolhe a reclusão do convento, onde poderia, ainda que com algumas limitações, levar a cabo seu projeto intelectual. Assim, Juana ingressa na Ordem das Jerônimas, onde a disciplina era mais relaxada. É ali que passa a vida, numa cela de dois andares (o segundo, dizem, acomodava sua imensa biblioteca), escrevendo versos sacros e profanos, autos sacramentais, peças teatrais, etc. Tendo recusado o matrimônio, mesmo muito cortejada, parte de seus textos contrariava a lógica da sociedade paternalista, atribuindo aos homens muitos dos vícios que estes atribuíam às mulheres. O relato de Manoel é guiado pela extensa obra de Octavio Paz sobre a revolucionária mexicana, “Sóror Juana Inés de la Cruz: nas armadilha da fé”, publicado em 1982. Para Manoel, trata-se do estudo mais abrangente e completo não só sobre Inés, mas sobre o contexto cultural do século XVII.



A trajetória de Juana, brilhante desde o início, termina de modo melancólico. Após ter uma crítica a um dos sermões do padre Antônio Vieira levada à público, Juana passa a ser perseguida pelas autoridades políticas e religiosas do México, em especial pelo arcebispo Aguiar y Seijas, servindo de oportunidade para o retorno de antigos preconceitos. Mesmo não tendo recebido uma condenação explícita, como o cárcere ou até a morte, Juana precisou abdicar da carreira literária, livrar-se de sua biblioteca e pedir perdão pelos textos publicados até então. Anos depois, morre, doente, no convento.

De qualquer forma, o legado de inconformismo da freira, que no século XVII arriscou-se pela literatura, não se apagou. Legado que inspirou poetas e intelectuais latino-americanos durante os “anos de chumbo”. A narrativa de Ines é uma, entre inúmeras outras, presentes no volumoso “Rastros da Utopia”. Como afirma a professora Suely Reis Pinheiro, estudiosa de Manoel de Andrade e a quem conheceu ainda nos anos 80, a poesia política de Manoel remete a uma saga original que dá origem a “um doloroso gesto de despedida e, ao mesmo tempo, iluminado pelo brilho da esperança” (PINHEIRO, 2010, p. 7). Para Suely, trata-se de um processo de “rebelião anômica” (PINHEIRO, 2010, p. 9) que permite a escritor e leitor compartilharem a memória de um passado negro.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Manoel de. *Rastros da utopia, uma memória crítica da América Latina nos anos 70*. São Paulo: Escrituras, 2014.
PINHEIRO, Suely Reis. A poesia de Manoel de Andrade: um canto de amor e liberdade na América Latina. In: *Revista Electrónica de los Hispanistas de Brasil*, V. XI, nº 43, 2010.

Outras fontes consultadas:

<http://livrespensantes.blogspot.com.br/>
<http://cdeassis.wordpress.com/>
<http://www.icnews.com.br/2014.04.30/colunistas/aroldo-mura/guerrilheiro-lirico-ou-agente-da-cia/>
<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1455180>